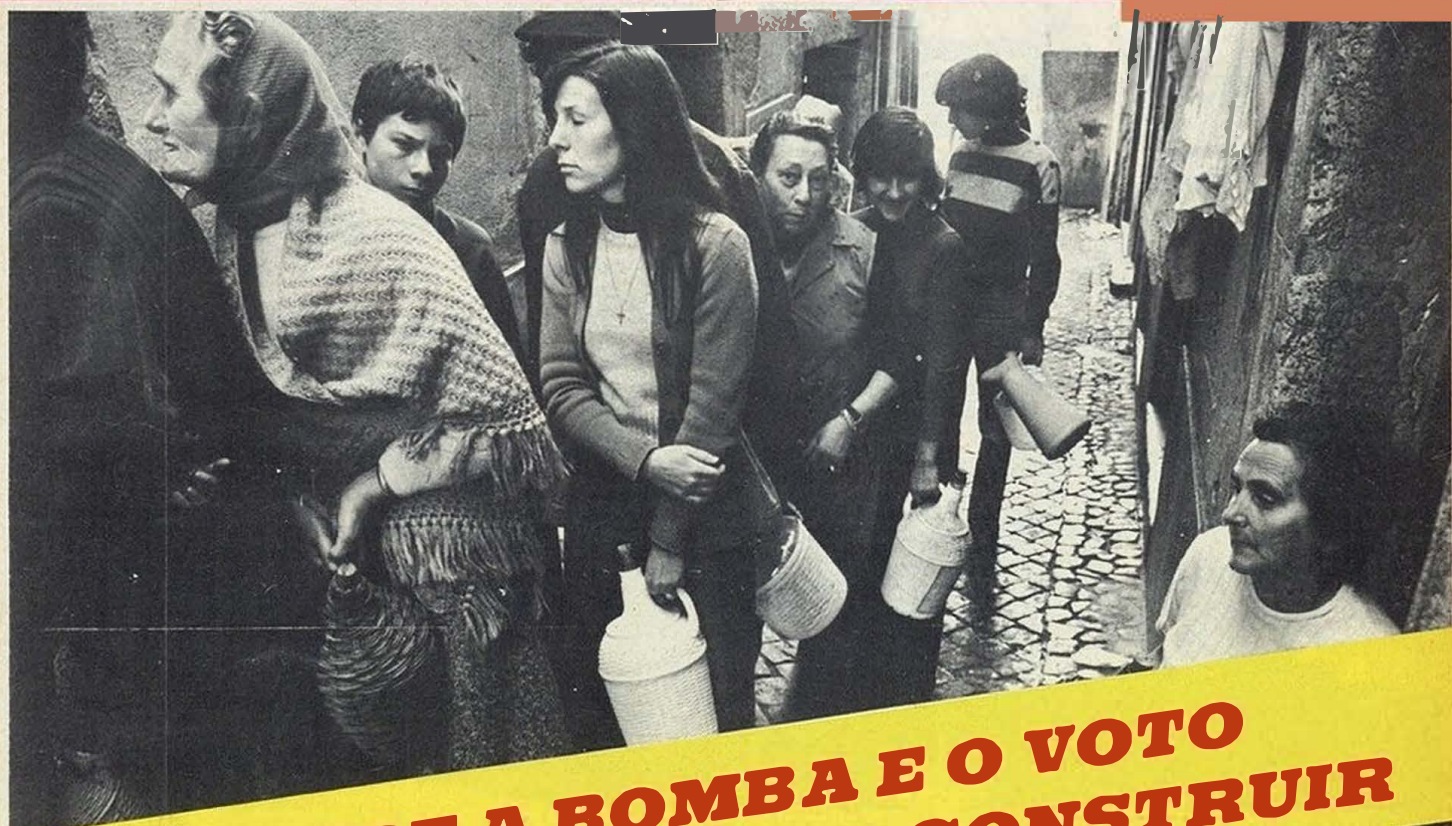


O SÉCULO ILUSTRADO



**O ZÉ-POVINHO
AINDA MEXE
(em separata)**



**ENTRE A BOMBA E O VOTO
UMA DEMOCRACIA A CONSTRUIR**



Entre a bomba e o voto uma democracia a construir

Fotos de EDUARDO GAGEIRO, ALFREDO CUNHA, FRANCISCO FERREIRA

Entre a bomba na conduta de água que abastece Lisboa e o voto dos portugueses, três dias depois, toda uma distância, um longo caminho de cerca de meio século se percorre. Sugerindo às pessoas uma triste saudade do passado, o regresso a uma «dada» tranquilidade em que certos senhores eram os «eternos procuradores» dos interesses de todo um povo, o argumento da bomba foi, uma vez mais, arma de dois gumes. Mal lavado ou mal ensaboado o povo votou, esteve lá, conservou o seu voto. Disse que não aos procuradores, disse que sim à democracia, confiando-se aos seus legítimos representantes.

SOU otimista e espero que tudo venha a favor dos desprotegidos, para que o povo passe a ser senhor dos seus destinos" — estas palavras de entre as inúmeras declarações de anónimos aos órgãos de Informação revelam a preocupação fundamental de um povo que, nos primeiros passos da democracia, está bem longe de ver resolvidos os seus problemas fundamentais. Construir a democracia não será pois, e apenas, engendrar um quadro de defesa sistemática da liberdade e da justiça sem lhe incluir um



conteúdo — o da satisfação de necessidades imediatas: pão, habitação, saúde, educação. Construir a democracia, com a "parte restante" agora legitimada, é trabalho, prática diária, dar sentido, enfim, às instituições.

E dar sentido, enfim, às instituições é acabar com o golpismo, dizer não às bombas sejam elas no "País" ou no Imaviz, qualquer que seja o seu sinal ideológico. Dar sentido, enfim, às instituições é construir, de facto, na diversidade que somos a vida a que todos temos direito.

R. P.

General Ramalho Eanes — especialmente distinguido pelo povo junto da assembleia de voto



AS INFLUÊNCIAS DOS RESULTADOS

Uma mulher, Helena Roseta, foi candidata à presidência do município de Lisboa.

Trata-se, indubitavelmente, de um facto que a história não deixará de assinalar, tanto mais que o partido que a propôs se vem colocando em segundo lugar na opção dos portugueses desde a reconquista da democracia.

Helena Roseta não ganhou. Por ser mulher? Não podemos concluir por tal. Mas haverá razão para perguntar: teria o PSD avançado o seu nome se porventura desejasse ou considerasse efectivamente possível ganhar o município de Lisboa, que, como Sá Carneiro sublinhou, é quase um órgão de governo?

Arquitecta, mãe de três filhos, Helena Roseta foi a deputada que propôs que a Constituição consignasse que "o Estado deve promover a melhoria progressiva e acelerada da qualidade de vida de todos os portugueses", o que foi aprovado por unanimidade.

Qualidade de vida, fórmula muito cara aos partidos socialistas europeus, que em Portugal, antes do 25 de Abril, teve dois ilustres defensores: Henrique de Barros e Gonçalo Ribeiro Teles.

Ribeiro Teles é um dos muito escassos arquitectos paisagistas portugueses e foi um dos primeiros homens que em Portugal divulgou as

preocupações dos cientistas de todo o mundo acerca das alterações ecológicas que, a prosseguirem, põem em risco a sobrevivência da espécie humana. Antes e depois da revolução de Abril, Ribeiro Teles tem demonstrado ser um defensor intransigente da conservação e dignificação do ambiente e do "habitat" humanos, defesa que faz apoiado num saber profundo e em preocupações humanísticas esclarecidas. Secretário de Estado do Ambiente durante os Governos Provisórios, com excepção do V, Ribeiro Teles seria, para muitos homens progressivos deste país, o primeiro presidente eleito do município de Lisboa. Mas Ribeiro Teles é monárquico, concorre por partido sem futuro e por isso mesmo não poderia ganhar. E não ganhou.

O povo escolheu quem quis. E não há que contestar a sua escolha, livremente exercida. Mas a democracia, para ser autêntica, não só



Helena Roseta, arquitecta, mãe de três filhos, foi candidata à presidência do município de Lisboa



na forma mas no conteúdo, implica precaver-mo-nos contra os perigos da democracia. Neste caso, ter-se em conta que deve haver meio de se não perderem os valores que temos (e são tão poucos...), mesmo que eles não pertençam ao partido da nossa opção política.

"A intervenção democrática na vida urbana e nas decisões sobre a cidade terá de assentar nos grupos de população que não participam da exploração económica da cidade e são afectados pela cidade segregadora e especulativa", afirmou Helena Roseta numa tese sobre "Urbanismo e Habitação" que enviou ao Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro, em 1973.

"Entendemos que o solo da área metropolitana, mais do que qualquer outro, independentemente de quem o usar economicamente,

tem de servir a comunidade dos habitantes de Lisboa e das outras cidades associadas", lê-se no programa do candidato pelo PPM ao município de Lisboa.

Helena Roseta e Ribeiro Teles denunciam com conhecimento de causa as orientações e decisões que levam a um agravamento geral das condições da vida urbana, ao favorecimento dos interesses privados em detrimento dos gerais, à transferência forçada dos habitantes por uma política de solos, baseada na especulação dos terrenos.

Ribeiro Teles afirma — e deve ter razão — que existe, dentro da cidade, número suficiente de fogos para albergar todos os carenciados, se se entender fazer uma política de recuperação dos prédios antigos, de preferência a construir bairros excêntricos, que só enriquecem os exploradores deste país. "Vamos acabar com a especulação de terrenos", diz-se no seu programa. "Não mais manobras de corrupção antidemocrática." Para Ribeiro Teles, todo o cidadão tem direito a casa digna, um paço livre exterior e um transporte acessível e fácil para o trabalho. "Recuperar a cidade para a habitação" é uma das suas propostas. E claramente o concretiza quando afirma: "Não mais se poderá repetir o "Martim Moniz" nem outras demolições de edifícios recuperáveis, que nada substituiu a não ser os espaços degradados."

Helena Roseta, por sua vez, fala de uma política de incentivo à habitação própria, sem sofismas, através da criação de mecanismos democráticos e de um Banco da Habitação. Eis uma ideia que a nova edilidade não pode subestimar, sob pena de a democracia deixar de ser "um acto de confiança no homem".

O Primeiro-Ministro tem afirmado repetidas vezes que, em democracia, a oposição é tão importante como o Governo. E Sofia de Mello Breyner, apontada para a lista PS à Câmara Municipal de Lisboa, comentava há dias: "Para seguirmos para a frente, temos de desenvolver a criatividade dos portugueses." Duas afirmações que se completam.

O povo elegeu, pela primeira vez após o longo interregno fascista, todos os órgãos de soberania. É tempo, pois, de acabar com a divisão que tem oposto "vencedores" e "vencidos". Os partidos terão de se "despartidarizar", sob pena de empurrarem o povo, que neles confiou, para a sua mais estrondosa derrota histórica.

O futuro de Portugal depende do saber e da competência dos cidadãos honrados, empenhados numa tarefa gigantesca de recuperação do tempo perdido, em que todo o engenho é pouco e nenhuma energia pode ser desperdiçada. No fundo, não terá sido este o voto dos que, desiludidos com a "partidarite" inoperante, optaram por não votar?

NEM VENCEDORES NEM VENCIDOS

Eleições para as autarquias locais. No espaço de vinte meses os portugueses foram às urnas pela quarta vez. Numa primeira "leitura" dos resultados se diz quem, em nossa opinião, foram os grandes vencidos e os principais vencedores. Paralelamente, chama-se à atenção para um fenómeno que, em situações como esta, dá pelo nome de influência pessoal.

Apesar de, no momento em que escrevemos, ainda não serem conhecidos os resultados oficiais, algumas conclusões poderão, no entanto, adiantar-se, já que aqueles não irão por certo alterar substancialmente os números oficiosos até agora saídos dos terminais dos computadores.

A primeira, a merecer especial atenção, diz respeito às abstenções, cuja média final se aproxima bastante dos 40 por cento (sem contar com os cerca de 5 por cento dos nulos e brancos), muito superior, portanto, à verificada em anterior eleições, nomeadamente às dos deputados para a Constituinte, cujo coeficiente de 8,2 por cento tem, pois, de ser classificado de muito bom.

É certo que uma afluência da ordem dos 63 por cento é, apesar de tudo, bastante superior às verificadas em tantas outras democracias europeias (mais institucionalizadas, mas também mais "cansadas") e é certo também que 3 actos eleitorais no espaço de 8 meses (legislativas, presidenciais e para as autarquias locais) podem constituir como que uma "saturação". Refira-se, a propósito, que tal abstencionismo aumentou em 6,16 por cento nas legislativas (de 8,12 para 14,36) e subiu para 24,58 nas presidenciais ultrapassando, agora, os 2 milhões de cidadãos-eleitores recenseados.

Há, entretanto, quem aponte como razão principal o facto de, nos grandes centros urbanos, estas eleições não "dizerem muito" a uma população que, pelos mais variados motivos, vive um pouco à margem das "coisas locais". Como afirmava na manhã de domingo o ministro Costa Brás, "as populações rurais sentem que estas eleições têm uma importância grande para a resolução dos problemas locais". Nesta perspectiva, o titular da pasta da Administração Interna era da opinião que "as percentagens de abstencionismo" se iriam verificar "mais nos centros urbanos do que nos centros rurais".

Ainda que, à primeira vista, o argumento pareça colher, ele perde, no entanto, um pouco da sua razão quando, diante dos números, se verifica que a média das abstenções não incidu de modo especial nas cidades. Em alguns casos até pelo contrário, o que poderá buscar uma explicação não apenas no forte "conteúdo político" estrategicamente atribuído ao acto eleitoral (tanto pelo Partido do Governo

como pelos que, neste momento, são oposição na Assembleia), mas, ainda, na "força" de uma campanha que, ausente, por decisão legislativa, dos principais e mais influentes órgãos de Comunicação Social, incidiu sobremaneira nos centros mais populacionais, ou seja, nos locais onde se concentra o maior número de votos possíveis. É que, à imitação de anteriores eleições, também estas foram predominantemente eleitoristas.

Assim, o abstencionismo carecerá, pois, de uma aprofundada reflexão por parte dos responsáveis, sobretudo quando se está perante o "arrefecimento" de um certo entusiasmo e diante de um desinteresse que, em não poucos casos, se aproxima preocupantemente da desmobilização.

Outra das conclusões a tirar desta primeira "leitura" será ainda o facto de os resultados haverem atingido, em alguns casos, percentagens que, poucos dias antes, não pareciam estar na previsão de muitos dos observadores.

Referimo-nos, concretamente, aos números (da ordem dos 33 por cento) conseguidos pelo Partido Socialista, o que significa uma diminuição de apenas 1,5 por cento em relação aos somados nas eleições para a Assembleia da República. Por outro lado, o Partido Governamental, para além de ganhar em locais onde, eventualmente, não seria de esperar, nesta altura, uma tal implantação junto do eleitorado, conseguiu ainda a presidência de alguns dos mais importantes municípios, nomeadamente os de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal e Faro. Como, ao tomar conhecimento dos principais resultados, afirmou Mário Soares, o facto de os socialistas serem Governo, "numa circunstância de crise aguda", com a consequente asunção de "medidas que necessariamente são impopulares", não afectou a decisão dos seus potenciais eleitores.

Ainda que conseguindo um aumento de quase 1 por cento em relação às anteriores eleições, o mesmo, com efeito, não se poderá afirmar em relação ao CDS, partido que, por alguns, era antecipadamente apontado como um dos vencedores. É certo que os centristas conseguiram alguns avanços em zonas que, anteriormente, eram "pertença" de outras forças políticas, mas nem por isso o partido presidido por Freitas do Amaral conseguiu ultrapassar a sua acentuada "vocação regionalista".

Com efeito, o CDS continua a encontrar a principal percentagem dos seus eleitores nos distritos de Bragança, Braga Viseu e Guarda, ainda que, à excepção do primeiro da presidência dos municípios localizados naquelas zonas tenha cabido aos sociais-democratas e, também, aos socialistas.

Enquanto, por outro lado, o eleitorado do PSD se manteve um pouco fiel (o aumento não foi substancial), o grande vencedor destas eleições talvez haja sido o Povo Unido e, consequentemente, o Partido Comunista. Com

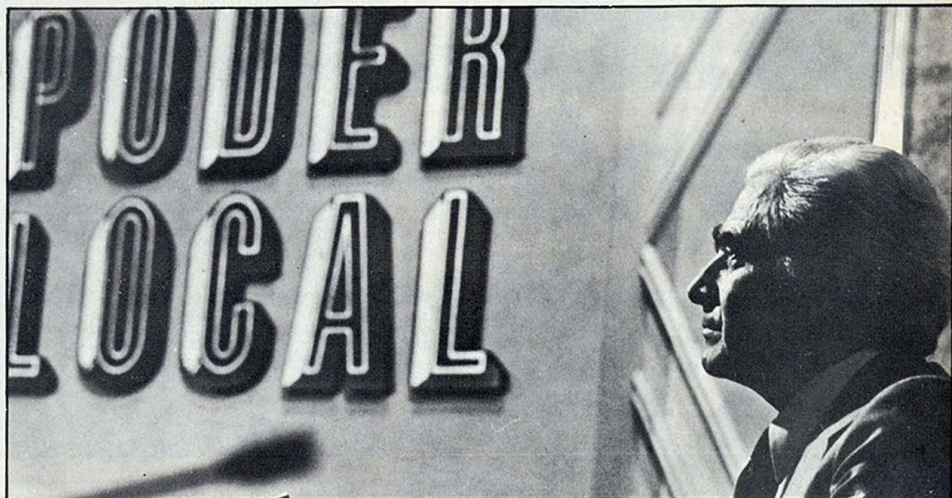


Freitas do Amaral — "Obrigado as coisas a marchar no sentido da descentralização"

efeito, ao atingir os quase 18 por cento, aquela Frente Eleitoral conseguiu agregar à sua volta a soma dos votos alcançados pelos diferentes partidos componentes nas eleições para a Assembleia Constituinte (PCP): 12,5 por cento, MDP-CDE, 4,1 e FSP, 1,2), as únicas que, até agora, contaram com a participação do MDP-CDE. Por outro lado, ao conseguir tais resultados (ainda que bastante localizados, nomeadamente nos distritos de Beja, Portalegre e Setúbal), o Partido Comunista conseguiu apagar, de certo modo, a imagem menos feliz dessa ainda muito recente "aventura" presidencial. Então, como se recorda, os cerca de 365 mil votos de Octávio Pato (7,58 por cento dos entrados nas urnas) ficaram, com efeito, muito aquém dos conseguidos por Ramalho Eanes



Mário Soares — "O PS sente-se forte e o Governo governará mesmo"



Álvaro Cunhal — "É preciso ter em conta a vontade do povo alentejano"

Sá Carneiro — "Vamos manter a linha que anunciamos de oposição ao Governo"



ou por Otelo Saraiva de Carvalho e foram pouco além da metade somada por Pinheiro de Azevedo, o último dos candidatos militares.

Outro ponto desta breve análise diz respeito aos GDUPs, que integrando partidos com maior implantação eleitoral do que a soma dos resultados poderá dar a entender, não conseguiram eleger qualquer presidente de Câmara. Terá faltado, para o efeito, uma melhor campanha eleitoral (a ausência de fundos não será alheia), ou, então, o "carisma" de uma personalidade como Otelo Saraiva de Carvalho.

Finalmente, o presidente eleito em Ribeira da Pena (Vila Real) pelo PPM, ainda que, para muitos, não ultrapasse a dimensão de uma ocasional curiosidade, deve, no entanto, merecer um pouco de atenção. Com efeito, a iniciativa do independente Gomes Pereira (que, a seu pedido, se serviu das estruturas do Partido Monárquico) é a prova evidente do quanto, em eleições regionais, pode significar a influência pessoal. Talvez uma aprofundada análise sociológica, que fosse capaz de confrontar o "prestígio" local dos diferentes candidatos, nos obrigasse a alterar (senão essencialmente, pelo menos acidentalmente) muitas das conclusões desta "leitura".

TV foi "cocktail" com Tomás Rosa anfitrião

Em noite de eleições, a TV foi «cocktail» non-stop, em comes e bebes (e não só), já que a dar razão ao vocábulo importado a convivência de personalidades foi eminentemente pluralista com Tomás Rosa anfitrião.



Ministro Costa Brás e dr. Sá Carneiro — troca de impressões



O prof. Vitorino Nemésio com o capitão Tomás Rosa — um regresso, de visita, ao Lumiar

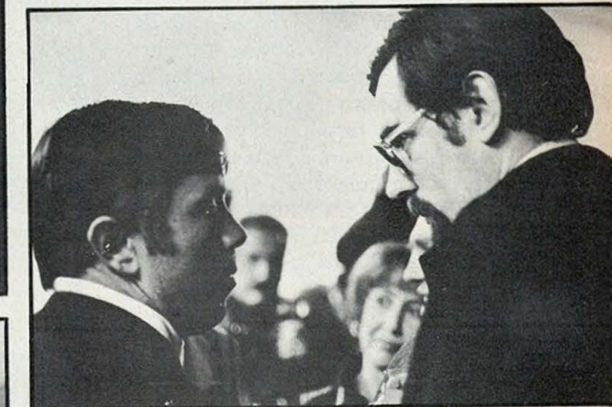
Ministro Costa Brás, brigadeiro Vasco Lourenço, major Vítor Alves — três dos nove



Coronel Jaime Neves, ministro António Barreto, escritora Natália Correia — uma campanha alegre



Ministro Firmino Miguel, conselheiro Canto e Castro e secretário de Estado Manuel Alegre — o informal foi tónica



Coronel Jaime Neves e ministro António Barreto — velhos amigos e conterrâneos



O prof. Freitas do Amaral mostrou-se sempre particularmente bem disposto



Conselheiro Canto e Castro e dr. Basílio Horta — boa piada

Álvaro Cunhal, Joaquim Letria, Acácio Barreiros, Manuela Furtado — um grupo sem grandes sorrisos

Democracia tem 312 artigos

ENQUANTO era fascismo nunca votei. Desde que aconteceu o 25 de Abril votei sempre e agora cá estou para votar outra vez."

Apesar da idade (91 anos), de não ver "o suficiente para votar" e de não perceber "nada destas eleições", Ti Zé Luís não quis deixar de dar cumprimento à sua "obrigaçãozinha". Encontrámo-lo na manhã de domingo, amparado a um dos netos (que, à semelhança do acontecido para as outras eleições, foi por ele indicado como a sua "pessoa de confiança"), a caminho da mesa de voto, a funcionar numa das salas da escola primária de Santa Catarina da Serra, pequena e pobre aldeia a escassos quilómetros de Cova da Iria, a Fátima das promessas, das peregrinações, dos trezes de Maio (e também dos outros) e da fé-mistura-de-crença-e-de-mito.

1925 VAI LONGE

Mil novecentos e vinte e cinco vai longe e Ti Zé Luís, "por mais que puxe pela cansada memória" já não se recorda se participou no acto eleitoral em que os portugueses, pela última vez (até agora), tiveram oportunidade de escolher livremente os responsáveis pelos municípios. O que ele tem, no entanto, a certeza é que nunca colaborou na "fantoçada daqueles que, agora, foram postos a mexer para o Brasil".

Mas eleições não aconteceram apenas em Santa Catarina da Serra. Elas foram uma realidade viva por todo o País: das aldeias às cidades, da província (essa esquecida!) à capital, a senhora-toda-poderosa, que, agora (assim se espera), o irá ser menos. Elas repetiram-se, ainda que com significado e dimensão diferentes, pela quarta vez no espaço de três anos.

Significativamente (fenómeno a merecer especial atenção não tanto dos sociólogos, mas sobretudo dos políticos), à medida que os actos eleitorais vão acontecendo, aas urnas vão "conhecendo" menos papéis de votos. Paralelamente, vão diminuindo os "brancos" e os "nulos".

Mas domingo, dizíamos nós, foi dia de eleição. E também de alguma confusão, motivada pelo desconhecimento de como deveriam ser

JOÃO FONSECA

Votos. Aos montes, apesar das abstenções. Votos na capital e na província. O Povo português escolheu a «fatia restante» da democracia. Conseguiu-se mais um capítulo da Constituição. Mas ela — esta a realidade — tem 312 artigos...



utilizados os três "papelinhos", de cores diferentes (e suave, acrescenta-se), a que cada votante teve direito. Mais (logicamente) na aldeia do que na cidade.

"IDE EM PAZ"

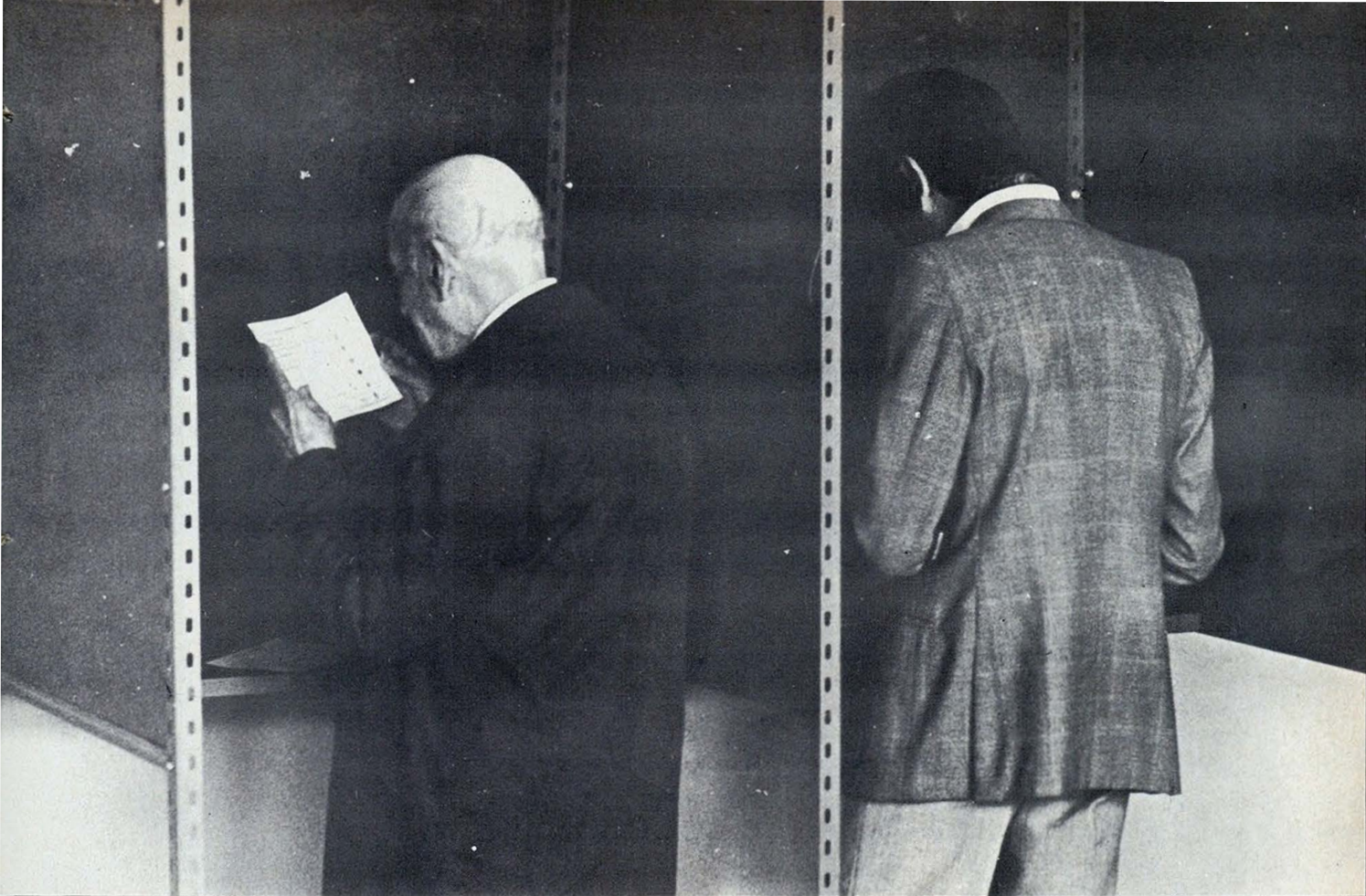
Por isso nós estivemos na província, para-ver-come-foi-e-agora-dizer. E, assim, de Santa Catarina, a da Serra vizinha de Fátima, fomos aos Parceiros, aldeia das margens do Lena, o rio que, em Leiria, faz alguma "sombra" ao Liz. Quando lá chegámos, o prior já havia dito o "ide em paz" da missa dominical. No adro, vazio de "patroas", que já haviam abalado para os retoques finais do almoço melhorado dos domingos, os homens conversavam em pequenos grupos, sem pressa para irem cum-

prir o acto eleitoral. No café de frente (pouco de "snack" e muito de taberna), alguns já haviam começado o "aviamento" do dia de descanso. Das eleições nem palavra, já que outro tema "bem-mais-importante" dominava a conversa. Era o Sporting e o Keita, o Benfica e o Chalana, o Porto, o do Pedroto e dos muitos escudos, o União de Leiria (a "tombar" para a terceira divisão "se continua com aquela orientação", dizia-se) e o Marrazes a "tentar" a subida.

Interrompemos. Com cuidado, já que nestas coisas de futebol a "diplomacia" é boa conselheira. E falámos de eleições.

"Já lá vamos. Ainda temos muito tempo. E depois..."

Depois..., o "chuto" na bola prosseguiu.



Na assembleia de voto, a funcionar na junta de freguesia local, pouca gente. Elementos da mesa falaram-nos de "ordem e de civismo" (à noite, na RTP, alguns políticos também refeririam o mesmo) e dos "pedidos de esclarecimento". A tal semiconfusão (quando não a confusão total) a que atrás nos referimos. De acordo com um membro da mesa, a dúvida dos votantes situava-se em redor da necessidade de "fazer a cruzinha em todos os papéis" e

na obrigatoriedade de se votar "sempre no mesmo partido".

Mais tarde, Leiria "aqueceu" um pouco. Não, no entanto, por causa das eleições.

No "coração da cidade", contrastando com o Largo da República (local onde estavam instaladas as assembleias de voto), aconteceu a "caça" ao bilhete que dava acesso ao filme de Hélio Soto "Chove em Santiago", em exibição, por dois dias apenas (domingo e segun-



da), na única casa de espectáculos da cidade. Então, um "balcãozinho", aquele que tantos outros dias não enche apesar de apenas custar 12 escudos com cinco tostões, atingiu a oferta de 100 escudos.

Entretanto, havia quem perguntasse: "Porque é que não trouxeram cá o filme antes das eleições?" Malhas que o comércio tece, circuito que, num país "a caminho do socialismo", teima em "fechar os olhos" aos resultados eleitorais.

Em Leiria, nos Parceiros, em Santa Catarina da Serra, as eleições não foram tudo. Também no resto do País... E agora?

Apesar de tudo, a esquerda venceu. Com abstenções e com "nulos" pouco esclarecimento e diante de muita dúvida. E o socialismo terá de ser. Disse-o o povo português.

Lisboa cidade com sede

JORGE TEIXEIRA

«Eram pescoços bem cortados», os que tamanha «crueldade fizeram ao povo. Sem pão ainda a gente se arranja mas à falta de água é que não temos passadio!» A «razão» da bomba «secara» Lisboa no fim-de-semana eleitoral. As imagens que apresentamos, incluídas propositadamente no nosso «Especial Eleições» são um testemunho dos difíceis passos da nossa democracia.

A sede descera à cidade. Em qualquer bica onde, com mais ou menos fartura, fio ou jorro de água corresse, corria também o povo, ajoujado de garrafões e de panelas, de desusadas bilhas ou de mais cosmopolitas "jerry cans". As mulheres inquietavam-se nas bichas, enfileiradas que estavam desde madrugada. Velhos e crianças eram arrastados na azáfama de arranjar nem que seja uma pinguinha só para acudir aos comeres. Que eram pescoços bem cortados, tamanha crueldade que fizeram ao povo. Sem pão ainda a gente se arranja mas à falta de água é que a gente não tem passadio!

Gargantas secas e descontentes lavravam de jorro os seus rancores, invejando o líquido apetecido a salpicar as mãos gulosas de quem desesperava há horas e era agora senhor do gorgolejar da água. Que eu cá sei muito bem quem é que tem a culpa disto! Todos sabiam e todos eram os réus da sede do povo que olhe, vizinho, quando começa a falar já ninguém lhe consegue tapar a boca!

"UM PAÍS DE MISÉRIA"

No Arco do Carvalhão, junto à boca de incêndio violada, às minhas perguntas apontaram-me a dedo de "ser fiscal". Que não era, acalmei-os e acalmei-me, que "fiscal" podia

Abraçados a baldes e garrafões, junto à boca de incêndio violada, as pessoas interrogavam-se dos "porquês" de ações como esta



"Não me diga nada, não me enerve! Já tenho os pés cheios de bolhas de ter estado toda a manhã na bicha da carne e agora tenho de estar para aqui especada na bicha da água!"

rimar com "ainda levas um par de estalos que eles são mais e maiores". A boca de incêndio vomitava a água poupada às bombas. Abrimo-la nós que não tínhamos nem medo nem outro remédio. Os bombeiros já cá estiveram mas tiveram de se ir logo embora.

Perguntava-se o costume. Do transtorno, das horas de espera, do homem e dos miúdos que precisavam do almoço.

Olhe, senhor, não me venha cá com perguntas, não me enerve! Já tenho os pés cheios de bolhas de ter estado toda a manhã na bicha da carne e agora tenho de estar para aqui especada na bicha da água. É um país de miséria, ó senhor! Não há carne, não há batatas, não há bacalhau, não há leite e agora nem sequer

temos água... mas quem é que vai olhar pelo povo, hã? E aquele malandro ali em baixo a querer vender carne cheia de sebo a 200 escudos o quilo... qual é o povo que pode lá chegar? Sabe o que lhe digo, ó senhor? Isto é um país de fome! Ainda agora me disseram que vai haver falta de pão porque não têm água. Que venham para a bicha que já têm água! É uma vida desgraçada, esta!

Mas dos "porquês?" é que o povo não sabia.

Prendem-nos dois meses e depois mandam-nos logo cá para fora. Do que é que eles estão à espera? revoltava-se o "povo", neste caso, o "unido", de autocolante ao peito. Não, que a culpa é mas é dos comunistas, digo-lhe eu!

arriscava alguém mais exaltado, chocando com a quietude marmórea da "atingida" que se remetia a uma passividade muda e prudente.

Mas porque é que fazem isto ao povo? É uma maldade...

Na ronda dos chafarizes, os jornalistas bem acomodados no BMW "mil-seiscentos-e-qualquer-coisa" também já tinham sede. De ver e ouvir a sede dos outros.

E nós que nem sequer chafariz temos? Aquilo é uma nascente de água salobra. Vá lá a gente adivinhar se ainda apanhamos alguma doença..., lamentava-se toda uma longa fila de garrações e de panelas, comprida desde ontem à noite. Não tinham água mas a vista era bem bonita. Pobrete mas alegre, do bairro via-se a outra banda.

"É SÓ PALEIO"

Ao mesmo tempo, a frustração das torneiras secas ia ganhando aspectos mais agressivos. Para alguns mais exaltados (esperamos que poucos) e sem papas na língua, isto de ser jornalista não vale nenhum. É só paleio. Reportagens e fotografias, sempre a mesma coisa. Os jornais não resolvem nada! (Alguma coisa nós havíamos de fazer, ou não será assim?)

Entretanto, mais longe, as bicas da Casa dos Bicos estavam quase tão secas como um bacalhau que, não sei se ainda se lembram, era um daqueles peixes que os ricos comiam pelo Natal — já não estou bem recordado do aspecto desse tal "bacalhau" mas ainda sei que era seco. Aqui, tão perto do rico, apenas um tímido fiozinho de água corria a um canto, quase despercebido.

No lavadouro público da Alfama, já se foi meio dia de trabalho. As mulheres bem precisam de trabalhar mas, sabe, nestas aflições temos de ser uns para os outros. Desde manhãzinha que cá tem vindo gente de todo o lado; cá do bairro, do Castelo, da Voz do Operário, eu sei lá bem! Olhe, é meio dia assim perdido, é uma desgraça esta falta de água. O que é que eu penso? Isto há uma falta de autoridade muito grande, as pessoas já não têm respeito pelo povo... Precisavam de um grande castigo!

"AMEDRONTAR O POVO"

Outros, mais desconfiados, acusavam o toque da campanha eleitoral. Sim, porque a mim ninguém me convence que as bombas fossem postas para outra coisa. Isto é para amedrontar o povo, para não haver paz e sossego para o Governo poder governar. Ou como quem nos exigiu que lhe tirássemos o retrato e o levássemos ao Mário Soares...

A sede descera à cidade. Era toda uma Lisboa sequiosa, apinhada em redor dos chafarizes, das bicas, dos autotanques dos bombeiros que permanentemente circulavam pelos



Ao longo do dia, autotanques de quase todas as corporações de bombeiros distribuíram água à população mais necessitada, garantindo, por outro lado, o abastecimento de hospitais, creches, etc.

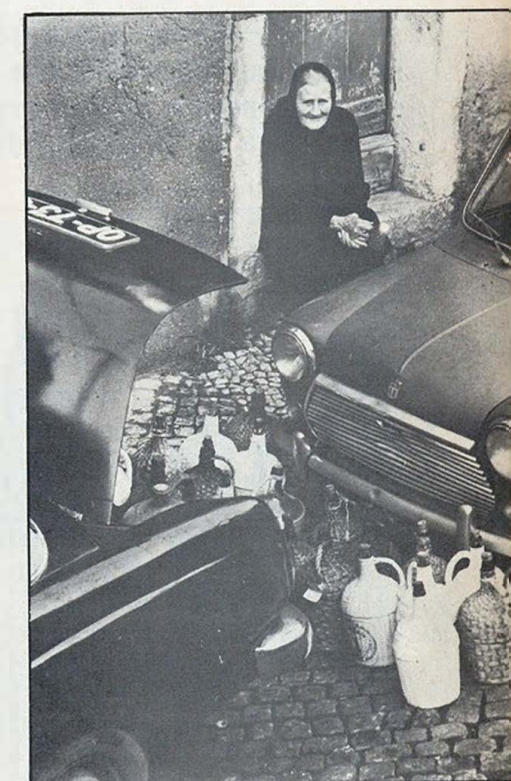


A sede descera à cidade...

bairros mais atingidos, do merceiro que ainda tinha água e dispensava uns garrações. Era, na sexta-feira à noite, uma carrinha da Empresa Pública das Águas de Lisboa, "armada" de uma instalação sonora, vociferando pelas ruas fora que os trabalhadores da EPAL estão contra este acto de sabotagem terrorista e trabalharão dia e noite para repor a água em casa das pessoas. Eram quase 2 milhões de almas "secas" às mãos (aliás, às bombas) do terrorismo urbano ou dos accionistas da água engarrafada...



Meio dia de trabalho já se tinha perdido no lavadouro da Alfama. "Temos de ser uns para os outros..."



Velhos e crianças eram arrastados na azáfama de "arranjar uma pinguinha só para acudir aos comeres"

"E nós que nem sequer chafariz temos? Isto é uma nascente de água salobra. Vá lá a gente adivinhar se ainda apanhamos alguma doença..."